

190

Índios não liberam igreja para a festa de Mirandela

Levi Vasconcelos

Mirandela (Distrito de Banzaê) — Pela primeira vez, em mais de três séculos, a festa do padroeiro de Mirandela, o Senhor da Ascensão, não será realizada. O novenário, que começaria ontem, ironicamente em homenagem aos índios, foi suspenso porque mais de 500 kiriris sitiaram a igreja e anunciaram que aceitam o desafio feito pelo padre José Ramos Neves. O pároco de Banzaê, que ao lado do prefeito José Leal lidera os posseiros, afirmou em praça pública que quarta e quinta-feiras próximas, véspera e dia da festa, celebrará missa na igreja, com ou sem índio.

"Não entra. Já avisamos à Funai e à Polícia Federal que se eles vierem podermos enviar caixões para enterrar índios, porque nós vamos partir para cima", garantiram ontem o cacique Lázaro e dois dos três conselheiros da tribo em conflito, Boni e Donato. Dias atrás, o padre tentou se aproximar da aldeia, os índios rasgaram sua batina e ele foi obrigado a fugir num carro. "Não há como confiar nele. Quando nossas casas estavam sendo queimadas pelos brancos, ele celebrava missa fingindo que não estava vendo nada. Só agora depois que a Polícia Federal chegou, para tentar tapar", reafirmou o líder indígena.

No outro lado do conflito, estão os posseiros, que fazem questão de ser chamados de filhos da terra. Os funcionários da Funai os visitaram ontem pela manhã, explicando, de casa em casa, o valor das indenizações que cabem a cada um para que eles deixem o povoado, mas não obtiveram muito su-

cesso. Alguns chegaram a procurá-los às escondidas, dizendo-se dispostos a receber os pagamentos, mas outros mostraram-se irredutíveis: "Vou morrer ali", disse o agricultor José Ribeiro da Silva, 64 anos, apontando a casa em que mora e lamentando: "Todos éramos amigos. Por causa dum porcaria de cerca, criou-se esse clima".

MAIS TERRAS

Os kiriris, que habitam os 12.300 hectares da reserva, são divididos em dois grupos, o primeiro, de Mirandela, liderado pelo cacique Lázaro, e o segundo, do povoado de Baixa da Cangalha, comandado pelo cacique Manoel. O padre José Ramos exige que o segundo grupo participe das negociações, por entender que com este há possibilidade de um acordo que permita a convivência pacífica com os brancos na reserva, mas o cacique Manoel negou: "Não queremos violência, mas queremos a terra. O padre e o prefeito estão usando nossos nomes para tentar jogar índio contra índio, mas não vão conseguir. O prefeito fala em remarcar a reserva, para diminuir-la. Nós achamos que precisamos de mais terras", disse.

Entre os do grupo de Mirandela o clima é mais agitado. "Para nós só existe um povo, o kiriri, esteja onde estiver", falou o cacique Lázaro, assegurando que muitos deixaram a reserva por medo de morrer. "Não há nenhuma condição de continuarmos a viver com branco. É casamento que não deu certo. Eles matam os nossos filhos e dizem que somos nós", disse Boni, conselheiro em Mirandela.

v